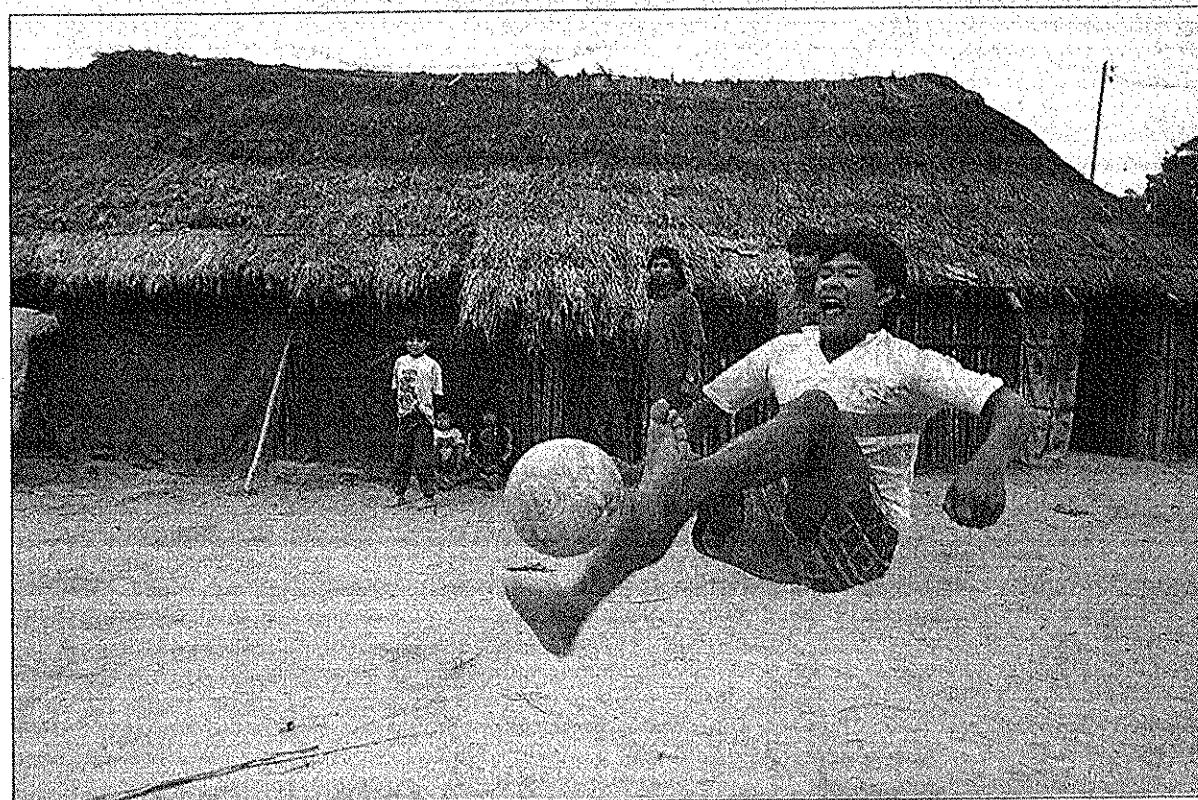


## Índios fazem encontro em São Paulo

Pela primeira vez, lideranças das quatro etnias de índios que restaram no Estado de São Paulo terão um encontro para discutir seus problemas. Será o Intertribol, promoção que usará jogos de futebol como forma de chamar a atenção do público paulistano, esta semana. Outras atrações serão rituais, músicas, danças e artesanato. **Páginas A23 a A25**

Depois de conseguirem a promessa de demarcação de sua reserva, no Maranhão, os índios cricatis libertaram ontem os oito técnicos e representantes do governo que mantinham como reféns. **Página A25**



Paulo Pinto/AE

### Bom de bola

*Adélio, índio guarani: bicicleta radical, admiração por Müller e medo de ficar nervoso*

O ESP - Domingo - 16/02/97

Class.	Data	Fonte	SOCIOAMBIENTAL		DOCUMENTAÇÃO



# Índios usam esporte para divulgar causa em SP

Mais de 300 representantes de 4 etnias remanescentes no Estado disputarão torneio de futebol

CRISTIANE SEGATTO

O futebol é a nova arma dos povos indígenas para conquistar a atenção da opinião pública. Craques ocultos em aldeias de todo o Estado de São Paulo vão estreiar suas chuteiras na quarta-feira, quando começa o 1º Intertribol, no Estádio do Ibirapuera. O campeonato inusitado reunirá mais de 300 representantes das quatro etnias remanescentes no Estado.

Durante cinco dias, eles disputarão a taça e os olhares da platéia. Mais do que o título de campeão, os índios querem conquistar espaço na mídia e divulgar a situação precária de suas comunidades. A visibilidade atingida pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), que já inspirou novela e samba, serve de modelo aos líderes indígenas.

"Assim como os sem-terra, queremos chamar a atenção para os nossos problemas", disse o cacique Marcos Tupã, da Aldeia Boa Vista, um grupo guarani-mbiá que vive em Ubatuba, no litoral norte. O futebol funciona como um pretexto eficiente para reunir as lideranças e divulgar reivindicações sobre saúde, educação e auto-sustentação econômica.

A idéia nasceu em encontros de entidades oficiais e organizações não-governamentais. O campeonato será realizado com recursos da Fundação Nacional do Índio (Funai), de três secretarias estaduais (Esportes, Cultura, Economia e Planejamento), dos programas Comunidade Solidária e Qualidade de Vida e de várias ONGs.

Empresas também entraram na parceria. A Coca-Cola contribuiu com jogos de camisa e R\$ 5 mil. A seguradora Sasse doou outros R\$ 15 mil. O evento, com entrada franca, será realizado entre os dias 19 e 23.

O encontro das lideranças despon-



Adélio, da aldeia mbiá de Parelheiros: "Só assisti futebol pela televisão e não sei o que vou sentir quando entrar em campo"

como o objetivo maior, mas os índios garantem que gostam mesmo de futebol. A maioria das aldeias dispõe de um campo improvisado para a prática da mania nacional.

A tática do time da Morro da Saudade, a aldeia mbiá de Parelheiros, zona sul, é jogar na defesa. A opção combina com o espírito da equipe que ostenta na camisa o lema 500 anos de resistência, uma referência à situação da tribo desde a colonização. Os zagueiros da equipe — que acumula dez troféus de campeonatos disputados com brancos

— prometem fazer bonito.

Adélio, de 21 anos, é um marcador de primeira, segundo o técnico Elias Onorio dos Santos. Joga desde criança. Durante o treino, não dispensa uma surrada camisa 10 do São Paulo, seu time favorito. Fã do atacante Müller, hoje no time italiano Peruggia, Adélio entrará em um estádio pela pri-

meira vez. "Só assisti futebol pela televisão e não sei o que vou sentir quando entrar em campo", comentou.

**ELES QUEREM MOSTRAR SITUAÇÃO DAS COMUNIDADES**

Essa é justamente a preocupação do técnico Elias. Os atletas treinam descalços, em chão de terra batida e com bolas lamentáveis (uma de couro e duas de borracha). Durante o evento, porém, o time entrará no gramado

oficial com uniforme completo.

"Tremi quando ouvi o barulho da torcida pela primeira vez", lembra o treinador, um veterano de 34 anos que durante a adolescência se aventurou por campeonatos em Peruíbe.

As cores do uniforme — desenhado pelos próprios atletas — devem impulsionar o time. O vermelho (pelo sangue dos antepassados) realça o amarelo, símbolo da força do Sol almejada pelos guarani.

■ Mais informações na pág. 25

## Evento vai ajudar no intercâmbio cultural

O xondaro, uma dança guerreira perpetuada pelos guarani-mbiás, abrirá o encontro indígena na noite de quarta. Ao som de violão e rabeca, o grupo apresentará o ritual ensinado pelos avós para manter o corpo leve e livrar-se dos inimigos. As 70 famílias da maior aldeia dessa etnia no Estado — a Morro da Saudade — celebram o xondaro diariamente, mas outras comunidades desconhecem a prática.

Manifestações artísticas como essa serão trocadas entre os diversos grupos indígenas durante o Intertribol. O evento deve funcionar como o primeiro intercâmbio formal da cultura das tribos estabelecidas em São Paulo. Para essa finalidade, a Secretaria Estadual de Cultura promoveu a gravação de um CD com músicas religiosas dos grupos mbiás e terena há dez dias.

Mil cópias do disco serão distribuídas nas aldeias. "O CD é o primeiro registro puro da cultura musical dessas etnias", explicou o diretor do departamento de formação cultural da secretaria, Antônio Carlos Sartini.

O registro do canto de 11 crianças mbiás e terenas foi só o começo de um projeto de documentação da arte indígena em São Paulo. A entrada para o campeonato é franca, mas os organizadores pedem que os visitantes levem donativos. Uma feira de artesanato funcionará na quinta-feira no saguão da CEF (Av. Paulista, 1.842).

Na sexta, os grupos Lamia Ensemble (da Universidade Livre de Música) e Mavaka se apresentarão na Praça Antônio Prado, no centro.